

“Eu não vou tirar o meu batom vermelho”: descortinamento de injustiças e abusos em relacionamentos afetivos no ciberespaço**"I will not take my red lipstick": unveiling injustice and abuse in affective relationships in cyberspace**Danila CAL¹
Juliana MIRANDA²**Resumo**

Este artigo objetiva analisar relatos de mulheres que sofreram ou sofrem em um relacionamento abusivo à luz da Teoria do Reconhecimento, de Axel Honneth (2003), e das considerações de Patricia Lange (2007; 2008) sobre a exposição de intimidades no ciberespaço. Dessa forma, examinamos os comentários referentes ao vídeo “Não Tira o Batom Vermelho”, do canal “JoutJout Prazer”, de Júlia Tolezano, no Youtube. O vídeo fala a respeito de relacionamentos abusivos e cita exemplos de comportamentos que seriam considerados prejudiciais à autoestima e ao bem-estar das mulheres em um relacionamento. Os comentários mostraram que o vídeo permitiu o desvelamento de situações opressivas e atuou na construção da percepção pública desse problema e na construção de uma semântica coletiva a respeito dos comportamentos que transformam os relacionamentos afetivos em espaço de desrespeito e opressão.

Palavras-Chave: Relacionamentos Abusivos. Reconhecimento. Intimidades. Ciberespaço.

Abstract

This paper aims to analyze reports of women who had suffered or are suffering an abusive relationship in light of the Theory of Recognition, by Axel Honneth (2003), and considerations of Patricia Lange (2007, 2008) on the exhibition of intimacy on cyberspace. Then, we examined the comments on the video "Do not take the Red Lipstick", on Julia Tolezano channel on youtube "JoutJout Prazer". The video talks about abusive relationships and mention examples of behaviors that would be considered harmful to self-esteem and well-being in a relationship. The comments showed that the video allowed the unveiling of oppressive situations and acted in the

¹ Pós-Doutora em Comunicação e Esfera Pública (EME-UFMG). Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (Unama) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará. Líder do Grupo de Pesquisa Comunicação, Política e Subalternidade - (COMSUB/Unama). E-mail: danilagentilcal@gmail.com

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (Unama). Integrante do Grupo de Pesquisa Comunicação, Política e Subalternidade - (COMSUB/Unama). E-mail: julianacsmiranda@gmail.com

construction of public perception of this problem and built a collective semantics about the behaviors that transform the affective relationships in a space of disrespect and oppression.

Keywords: Abusive Relationships. Recognition. Intimacies. Cyberspace.

Introdução

“Alguém já balançou o guardanapinho na sua cara falando para você tirar o batom vermelho porque você está com cara de puta? [...] Se você conhece alguém que está em um relacionamento abusivo, avise a ela porque ela não sabe ou está em negação”. O tom provocativo da fala citada é da jornalista Júlia Tolezano, cujo canal no *Youtube*, o JoutJout Prazer, criado em meados de 2015, passou a ser um dos canais brasileiros mais visitados naquela rede social (FATONI, 2015). O vídeo em questão é o “Não Tira o Batom vermelho” no qual a jornalista apresenta e questiona exemplos dos comportamentos abusivos mais comuns em relacionamentos afetivos: a proibição do uso de batom vermelho sob o argumento de que a companheira ficaria “parecendo uma puta”; o discurso de que a mulher não terá mais outra oportunidade de encontrar amor e, por isso, deve ficar manter aquele relacionamento; manipulações para que a companheira acredite que sempre está errada durante as discussões, dentre outros. A jornalista termina o vídeo afirmando que quem passa por isso não está sozinho e que é possível encontrar alguém um parceiro que valorize a mulher.

A internet é considerada uma das ferramentas fundamentais dos movimentos sociais, já que oportuniza a organização, a pesquisa, o debate e o compartilhamento de informações (GOMES, 2014; MAIA, 2008; MORAES, 2000). Ao utilizar as redes sociais digitais mais atuais, além da exposição textual de ideias, os usuários também podem gravar e compartilhar vídeos como forma de difusão de determinada opinião ou pensamento, seja este ligado a movimentos políticos, lazer ou aprendizado. A plataforma mais utilizada para veiculação de vídeos, atualmente, é o *Youtube*, apesar de outras redes sociais também oferecerem esse tipo de serviço.

Com 11 anos de existência, o *Youtube* passou a ter significados maiores do que aquele para o qual foi criado. A proposta inicial era o compartilhamento de vídeos e outros tipos de vídeos voltados para o entretenimento. Com o passar dos anos, o

Youtube também se tornou uma ferramenta de negócios e estudos, utilizada para fins acadêmicos e de mercado (HOLMBOM, 2015). Milhões de usuários são cadastrados na plataforma e os canais variados apresentam vídeos de diversas temáticas como ciência, tecnologia, moda, gastronomia, viagens, games, etc.

No ciberespaço, cada indivíduo exerce uma função e possui uma identidade cultural (RECUERO, 2009). Dessa forma, o indivíduo cria relações que afetam diversas áreas de sua vida, sendo áreas de trabalho, estudo, relações pessoais de amizade, etc. Entretanto, a interação no ciberespaço é baseada no conteúdo das palavras escritas pelo indivíduo, já que não existe um contato pessoal *off-line*, e o indivíduo é julgado mais por suas palavras do que por seu gênero, cor ou classe social (RECUERO, 2009).

Nesse contexto de efervescência de conhecimento e sociabilidade, muitos usuários de redes sociais digitais passaram a utilizá-las para publicar vídeos na internet como uma espécie de diário em que outras pessoas podem interagir através de comentários, esses usuários são chamados de *vloggers*³. Em meio à popularidade do compartilhamento de vídeos através das redes sociais, muitas mulheres se tornaram *vloggers* e passaram a utilizar o ciberespaço como uma espécie de *ágora* para debater questões íntimas e delicadas (LANGE, 2007; FANTONI, 2015). O canal no *Youtube* da brasileira Júlia Tolezano é um exemplo de utilização da rede para debates sobre questões políticas.

Júlia ficou conhecida por abordar temáticas delicadas e polêmicas, como coletor menstrual e masturbação feminina, de maneira bem humorada e didática nos vídeos de seu canal. De acordo com Fantoni, os temas tratados, a abordagem utilizada e a performance de Júlia nos vídeos, fez com que *JoutJout Prazer* atraísse “um público feminino carente de representatividade na mídia ao abordar assuntos de debate socialmente reprimido” (FANTONI, 2015, p.08). Em 2015, o canal ganhou repercussão nacional devido ao vídeo “Não Tira o Batom Vermelho⁴”. Esse vídeo se popularizou e rapidamente recebeu diversos comentários de pessoas que se identificaram com a situação descrita, principalmente de mulheres (FANTONI, 2015).

Neste artigo, analisamos as relações entre intimidade e construção de uma semântica coletiva sobre os sentidos de “abuso” em relacionamentos afetivos a partir

³ Usuário de *vlogs*.

⁴Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I-3ocjJTPHg>. Até 30 de setembro de 2016. O vídeo tinha 2.467.646 visualizações no *Youtube*

dos comentários de mulheres que afirmam sofrer ou terem sofrido esse problema após a visualização do vídeo. Esses comentários foram extraídos da página do vídeo no canal estudado no período de março de 2015 a março de 2016. A grande repercussão do vídeo “Não Tira o Batom Vermelho” e do canal Jout Jout Prazer estimulou outras pesquisas na área como a Fantoni (2015) que analisa, de modo mais abrangente, a performance da autora do canal e enfoca no vídeo em questão a quantidade de comentários contrários, favoráveis ou neutros nos primeiros quatro meses de exibição. Por meio de análise de conteúdo, ela conclui que a grande maioria é de comentários positivos e, desses, 40% demonstram identificação com o discurso de JoutJout. Nosso estudo volta-se, de modo mais detido e à luz da perspectiva do reconhecimento, para os relatos de vivências de relacionamentos abusivos.

Para tanto, discutiremos primeiramente o movimento feminista no ciberespaço e os diálogos a respeito de assuntos tidos como íntimos abordados nas plataformas digitais. Em seguida, apresentamos as questões de reconhecimento e o descortinamento de injustiças através de debates íntimos. O terceiro momento será destinado ao detalhamento dos procedimentos metodológicos realizados neste estudo para, em seguida, apresentarmos as análises e conclusões deste trabalho.

Feminismo no ciberespaço: debates íntimos em pauta

Em meados do século XX os movimentos sociais ganharam uma nova ferramenta de pesquisa, difusão e compartilhamento de suas informações, a partir do momento em que passaram a utilizar a internet. Isso foi fundamental para a que o ciberespaço se transformasse em uma espécie de ágora eletrônica global que oportuniza o diálogo entre sujeitos diversos (MORAES, 2000; CASTELLS, 2003). A pluralidade de vozes da sociedade civil no ciberespaço é a representação de grupos de pessoas identificadas a partir de suas ideologias e causas semelhantes.

Esse contexto de discussão dentro do ciberespaço foi propício para que ativistas de movimentos sociais passassem a utilizar a internet como ferramenta de protestos, de forma que esta se tornasse propulsora de tais movimentos. O movimento feminista, por exemplo, foi um dos movimentos que encontrou no ciberespaço uma oportunidade de tentar ter sua voz ouvida. Os debates acerca do feminismo na internet são relativamente

recentes, entretanto, o conceito de ciberfeminismo foi criado em 1980, com a popularização do texto “O manifesto Ciborgue - Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”, escrito pela filósofa americana Donna Haraway (KUNZRU, 2000).

Haraway não concordava com o termo Ciberfeminismo, entretanto disserta que o mesmo está baseado na ideia de que em conjunção com a tecnologia, é possível construir nossa identidade, sexualidade e nosso gênero, como quisermos (KUNZRU, 2000). O ciberfeminismo ganhou força em no início do século XXI, e suas ativistas passaram a utilizar as diversas faces de usabilidade do ciberespaço para promover discussões ideológicas que envolviam o movimento. As facilidades de interação oferecidas pelas plataformas digitais possibilitaram o diálogo entre o gerador de conteúdo *on-line* e o sujeito que o recebia.

Baseado neste contexto de interação, muitas plataformas passaram a ser utilizadas com a finalidade de publicar ideias, para que, em seguida, elas pudessem ser discutidas através das configurações desta plataforma. Um exemplo deste fenômeno acontece na rede social *Youtube*, plataforma digital apropriada para descarregamento e compartilhamento de vídeos *on-line*, em que as pessoas podem experimentar diferentes graus de envolvimento com os vídeos publicados (LANGE, 2008; FANTONI, 2015). Muitos usuários do *Youtube* utilizam suas contas na rede para descarregar vídeos cujo conteúdo representa valores de movimentos sociais e ideologias as quais o usuário acredita. Para poder publicar vídeos e seguir canais de vídeos no *Youtube*, é necessária a criação prévia de uma conta no Google, o que impossibilita uma postagem feita de forma anônima, porém nada garante que as informações oferecidas na conta sejam de fato verdadeiras.

A função “*youtuber*” é alvo de diversas polêmicas, pois muitos usuários que veiculam vídeos com certa frequência afirmam que se trata de uma profissão (HOLMBOM, 2015), já que existe toda uma preparação de conteúdo, edição e vídeos patrocinados (*publiposts*) por empresas e/ou marcas. Apesar das polêmicas, muitos canais de vídeo do *Youtube* são considerados de sucesso, podendo chegar a milhões de inscritos. O canal “JoutJout Prazer” apresenta a jornalista Júlia Tolezano, de 25 anos, que inicialmente criou o canal para falar de assuntos que a interessavam, utilizando estratégias de humor e simplicidade (FANTONI, 2015). Um vídeo da *youtuber*

veiculado em 26 de fevereiro de 2015 ganhou notoriedade por abordar um assunto que normalmente não é discutido: relacionamentos abusivos.

O vídeo “Não Tira o Batom Vermelho” foi criado a partir de uma conversa de Júlia com outras pessoas através da rede social digital *Facebook*. Nessa conversa, muitas mulheres falaram a respeito de suas relações afetivas e momentos em que se sentiram coagidas ou constrangidas por seus companheiros⁵. Com essas informações, Júlia criou um vídeo com exemplos de comportamentos que podem ser classificados como abusivos. O vídeo repercutiu pela internet e muitos *youtubers* famosos o indicaram, fazendo aumentar tanto o número de visualizações quanto de interações do vídeo. Com a popularidade, a cantora Clarice Falcão gravou um videoclipe com uma versão da música “*Survivor*”, em que a performance foi baseada na discussão do vídeo de Júlia Tolezano (HYPENESS, 2015).

O número de mulheres que utilizam o vídeo como ferramenta de discussão aumentou consideravelmente no decorrer dos anos (LANGE, 2007) e isso contribuiu para o crescimento do debate feminino no ciberespaço. Lange (2007; 2008) argumenta que a participação de mulheres em rede gerou uma maior discussão de assuntos íntimos, tido como “tabus”, nas redes sociais, principalmente nos vídeos, e isso pode levar tanto ao autoconhecimento quanto ao conhecimento dos outros.

Debates íntimos e descortinamentos de injustiças

Os movimentos sociais buscam constantemente mostrar seus argumentos e ideias por meio de reuniões e manifestações públicas (CASTELLS, 2003), com o intuito de ganhar visibilidade e informar ao maior número possível de pessoas as causas e razões de suas lutas (MORAES, 2000). Autores ligados às teorias do reconhecimento argumentam que o desvelamento dos consensos morais e a constituição dos movimentos sociais são aspectos de revelação de visibilidade (HONNETH, 2003; GARCEZ; CAL, 2013). Ao abordar assuntos considerados delicados e íntimos em seus vídeos, muitas *vloggers* dão oportunidade para quem as está assistindo de se abrir e também comentar sobre assuntos que, até o momento, considerava íntimo demais para compartilhar com outras pessoas (LANGE, 2007; 2008), essa atitude faz com que os sujeitos passem a se

⁵ Argumento utilizado por Júlia no vídeo.

conhecer melhor, pois podem tirar dúvidas e esclarecer questões que outrora não poderiam, facilitando o autoconhecimento e o conhecimento alheio também (LANGE, 2007).

Uma experiência compartilhada que possua determinada força capaz de identificar uma identidade coletiva é o que Honneth (2003) chama de semântica coletiva. O autor argumenta que o surgimento dos movimentos sociais se dá a partir da existência de uma semântica coletiva, afetando não só o indivíduo, mas um círculo social com vários sujeitos envolvidos (HONNETH, 2003). Charles Taylor (1992) e Axel Honneth (2003) concordam que as injustiças devem ser trazidas à luz (*disclosure*). Taylor ressalta que expressões de tolerância podem vir a internalizar injustiças e imagens que refletem o complexo de inferioridade do indivíduo, criando um forte instrumento de opressão (TAYLOR, 1992; GARCEZ; CAL, 2013).

Garcez e Cal (2013) argumentam que expressões públicas revelam consensos morais enraizados no cotidiano, podendo soar ofensivos a determinado grupo e que isso pode levar a convocação de defesas de causas diferentes daquelas “tacitamente acordadas sob um pano de fundo moral valorativo” (GARCÊZ; CAL, 2013, p. 5). Assim, a partir do momento em que um indivíduo compartilha publicamente suas experiências e sensações íntimas por meio de um vídeo publicado em uma rede social, ele traz à luz uma questão pessoal que, caso seja forte o suficiente, pode gerar debates que permitem a transformação da temática em um assunto publicamente aceitável de ser debatido (LANGE, 2008).

Quando uma temática delicada é exposta e está ligada com alguma forma de injustiça, ocorre o descortinamento dessa injustiça que esteve outrora intrínseca aos grupos que a sofriam. Descortinar a injustiça significa torná-la pública, levar ao conhecimento de outros sujeitos, para que então o grupo oprimido possa começar o que Honneth (2003) chamou de luta por reconhecimento, o que também pode levar à organização de movimentos sociais. Vale ressaltar que esta ação não é individual, e sim um processo que ocorre em um espaço compartilhado entre um grupo de sujeitos que estão envolvidos neste espaço (TAYLOR, 1992; GARCEZ; CAL, 2013).

Procedimentos metodológicos

O vídeo “Não Tira o Batom Vermelho” possui mais de três mil comentários segundo a numeração exibida pelo *Youtube*. Entretanto, não tivemos acesso ao total de interações em virtude da limitação criada pela plataforma, que mostra apenas um determinado percentual dos comentários. Como o *Youtube* não apresenta uma ordem cronológica quando exibe as interações da audiência dos vídeos, optamos por coletar os comentários apresentados pela opção “principais comentários”, oferecida pela própria plataforma, desde que tivessem sido realizados no período entre março de 2015 a março de 2016. O total de comentários coletados foi 232.

Com a popularidade do vídeo, perfis de usuários diversos participaram das discussões e debates acerca de relacionamentos abusivos. A maioria das interações foi realizada por perfis que se identificaram como mulheres, tanto pelo nome quanto pela foto utilizada no perfil. O *Youtube* não permite que se comente anonimamente em sua página, porém não temos como confirmar a veracidade das informações oferecidas pelos usuários em seus perfis. No início do vídeo, Júlia Tolezano afirma que qualquer pessoa, independente do gênero e da opção sexual, poderia se encaixar nos exemplos que ela iria utilizar, mas a maioria dos depoimentos é de mulheres que estiveram ou estão em um relacionamento abusivo.

Foram totalizados 232 comentários coletados, sendo estes 203 realizados por perfis que se identificaram como mulheres e 29 por perfis que se identificaram como homens. 15 perfis femininos relataram sofrer relacionamentos abusivos e 43 relataram já terem sofrido no passado. Um único perfil masculino relatou estar sofrendo em um relacionamento abusivo e 11 disseram já ter passado por esse tipo de relacionamento, totalizando 70 comentários a respeito de experiências com relacionamentos abusivos. Os demais comentários coletados abordavam outros assuntos.

Tabela 1: Número de comentários de acordo com sexo identificado pelos perfis (Março 2015/Março 2016).

Sexo	Total de Comentários	Relatou estar em um relacionamento abusivo	Relatou já ter passado por relacionamento abusivo
-------------	-----------------------------	---	--

Mulheres	203	15	43
Homens	29	1	11
Total	232	16	54

Fonte: Dados da pesquisa.

Devido à escassez de comentários masculinos e o direcionamento desta pesquisa, optamos por fazer análise apenas dos perfis que se identificaram como mulheres. Diariamente o vídeo recebe novos comentários com novos depoimentos de pessoas que passaram ou passam por relacionamentos abusivos, mas também é possível encontrar pessoas com outras intenções de interação, como elogiar ou criticar o trabalho da *youtuber*. Foram considerados os posicionamentos utilizados pelos perfis femininos com o objetivo de identificar a) as pessoas que não sabiam passar por relacionamentos abusivos até o momento em que assistiram ao vídeo; b) pessoas que afirmaram ter mudado algo sua vida após ter assistido ao vídeo; c) pessoas que não vivem mais um relacionamento abusivo, porém não sabiam que viviam em um até assistir ao vídeo.

Em respeito à privacidade e segurança das comentadoras, iremos nos referir às comentadoras atribuindo números de acordo com a ordem de exibição dos comentários no decorrer do artigo.

Diálogos da audiência

A partir dos comentários realizados pela audiência do vídeo “Não Tira o Batom Vermelho”, pudemos identificar depoimentos de pessoas que vivem ou já viveram esse tipo de relacionamento. Muitos comentários coletados mostraram sentimentos como vergonha, tristeza e culpa por estar naquela situação, ao mesmo tempo em que mostram não conhecer a opressão à qual vivem ou viveram, como no caso da Comentadora 1:

Vivi em um relacionamento abusivo por 8 (OITO) anos e sofri demais sem nunca contar pra ninguém, nem pra minha mãe (...) nem sabia que o nome era relacionamento abusivo (...) até que assisti esse vídeo e decidi terminar o namoro. Acho que ele foi muito ruim comigo mas também tive culpa pq não terminei logo com ele (COMENTADORA 1, AGOSTO 2015).

A comentadora em questão afirma ter vivido em uma situação de relacionamento abusivo sem saber que estava sendo oprimida, deixando esse sentimento de inferioridade intrínseco e desconhecido para todos ao seu redor. Ao dizer que decidiu tomar uma atitude após assistir ao vídeo, a comentadora destaca que, no momento em que Júlia Tolezano começou o debate acerca da temática de opressão em relacionamentos, sentiu-se à vontade para expor seus sentimentos e descortinar uma injustiça sofrida por oito anos.

Quando achei que estava passando por um relacionamento abusivo, minha amiga me falou da JoutJout, aí eu assisti o vídeo e confirmei. Acabei de terminar com meu primeiro namorado e disse pra ele: EU NÃO VOU TIRAR O MEU BATOM VERMELHO (COMENTADORA 2, JUNHO 2015).

A comentadora 2 também vivia em um relacionamento sem se dar conta de que se era abusivo. Nesse sentido, o vídeo estimulou o descortinamento da relação opressiva para confirmar a opressão a qual disse viver. No momento em que essa situação foi reconhecida, uma ação foi realizada (segundo a comentadora 2) e ela não se permitiu mais viver em opressão, terminando o relacionamento.

Toda vez que eu penso em voltar com meu ex eu assisto esse vídeo para me sentir bem comigo mesma e esquecer essa ideia idiota. Valeu Jout! (COMENTADORA 3, MARÇO 2016).

Esse vídeo já me ajudou muito. Há um ano atrás eu assisti e chorei MUITO. Me identifiquei com tudo o que vc falou, Jout. Meu namorado era muito abusivo e fazia *gaslighting*⁶ comigo o tempo todo. Depois de um mês eu finalmente tomei coragem e terminei com ele. Só tenho que dizer: MUITO OBRIGADA JOUTJOUT VOCÊ SALVOU A MINHA VIDA!!! (COMENTADORA 4, ABRIL 2015).

O sentimento de gratidão em relação à publicação do vídeo é um ponto pacífico entre a maioria das comentadoras. É como a *vlogger* tivesse dado voz ao sofrimento delas, encorajando-as a se manifestarem e a agirem. Entretanto, algumas mulheres não

⁶ Forma de abuso psicológico no qual informações são distorcidas, seletivamente omitidas para favorecer o abusador ou simplesmente inventadas com a intenção de fazer a vítima duvidar de sua própria memória, percepção e sanidade. A expressão é inspirada no filme “Gaslight”, interpretado por Ingrid Bergman, que conta a história de um marido que tentava fazer com que sua esposa acreditasse estar louca para interná-la em uma clínica e ficar com o dinheiro dela.

conseguem se livrar desse tipo de relacionamento apesar de saberem que estão vivendo em um:

EU SEI QUE MEU NAMORADO É UM ESCROTO MAS EU NÃO CONSIGO TERMINAR COM ELE. EU AMO DEMAIS ELE. ME AJUDA JOUTJOUT O QUE EU FAÇO PRA ESQUECER DELE? (COMENTADORA 5, JANEIRO 2016).

Conversei com meu namorado depois que vi esse vídeo. Mostrei pra ele e ele disse que vai melhorar. Tomara que seja verdade, eu vou ver e volto aqui pra dizer pra vocês (COMENTADORA 6, FEVEREIRO 2016)

Amiga na boa, eu não acho que seu namorado vai mudar, se ele já faz isso com você é por que se sente superior. Cai fora desse babado e não entra de novo numa barca furada dessas, conselho de mana. Eu já passei por isso e sei como é difícil (COMENTADORA 7 em resposta à COMENTADORA 6, FEVEREIRO 2016).

Outras ainda apresentam certa resistência em tomar uma atitude em relação aos seus relacionamentos abusivos, entretanto reconhecem que passam por um e mostram que sofrem com essa situação. As que ainda não se sentem a vontade de fazer alguma coisa contam com o apoio de outras mulheres, o que pode ser benéfico para uma ação futura.

As usuárias que interagiram com o vídeo através de comentários, muitas vezes mostraram questões que normalmente não seriam bem vistas em determinados grupos de debate, por serem consideradas íntimas demais. Um vídeo que discute o problema que essas mulheres alegam ter sofrido ou sofrerem, abre oportunidades de debate e de autorreflexão tanto para as usuárias quanto para a idealizadora do vídeo. Lange (2007) explica que o debate de temas femininos ocorrido no ciberespaço leva tanto à reflexão quanto ao autorreconhecimento da personalidade e do corpo. Dessa forma, as comentadoras do vídeo “Não tira o batom vermelho” expressaram problemas vividos em seus relacionamentos que, em muitos casos, nem sabiam estar passando.

Por questões culturais, muitas mulheres acreditam que ser subordinada aos homens em um relacionamento afetivo é considerado normal ou mesmo uma tradição (SILVA, 1991; ALLEN, 2000). Essa crença faz com que muitas mulheres não levem em consideração os maus-tratos que possam sofrer em relacionamentos afetivos. A partir do momento em que uma *vlogger* com determinada influência digital e midiática

faz um vídeo mostrando as injustiças que podem ocorrer em um relacionamento e que isso não é normal, muitas mulheres se atentaram pra violência psicológica ao qual estavam sofrendo ou já tinham sofrido, colocando estas questões em debate.

Considerações finais

Este artigo se destinou a estudar o diálogo das mulheres que interagiram nos comentários do vídeo “Não tira o Batom Vermelho” e os relatos de experiências sobre esse tipo de relacionamento. Percebemos que, apesar da maioria dos comentários serem oriundos de mulheres, muitos homens também afirmaram passar por esse tipo de relacionamento, tanto em relacionamentos héteros quanto homossexuais.

As redes sociais são plataformas consagradas de sociabilidade e interação que oportunizam o debate e o compartilhamento de ideias. A utilização destas para publicação de vídeos, levou várias vloggers a discutirem assuntos considerados delicados e íntimos demais para serem discutidos no ambiente *on-line*. Dessa forma, outras pessoas, principalmente mulheres, passaram a se sentir mais a vontade para discutir assuntos que não discutiríamos em outros momentos.

Essa atitude levou ao descortinamento de diversas injustiças sofridas por mulheres, principalmente em relação aos abusos sofridos em relacionamentos afetivos, como mostra no vídeo “Não tira o batom vermelho” de Júlia Tolezano.

A audiência desse vídeo interagiu tanto com a autora do canal quanto entre si, e mostrou que diversas pessoas passam por opressões dentro de um relacionamento e não sabiam disso, acreditando que é uma situação normal e que não deve ser exposta. Quando passam a conhecer a situação, podem, ou não, tomar uma atitude para resolvê-la, mesmo que isso signifique terminar o relacionamento.

Após analisarmos os comentários, concluímos que o descortinamento da opressão sofrida dentro de relacionamentos afetivos, juntamente com o debate de questões íntimas no ciberespaço, proporcionou a construção de uma ponte semântica, já que o vídeo estimulou muitas mulheres a debaterem e agirem a respeito da questão, fazendo com que um assunto outrora “íntimo demais para ser discutido na internet” (nas palavras de uma comentadora), passasse a ser público e até mesmo político. O descortinamento de relacionamentos abusivos, fez com que as mulheres que interagiram

com o vídeo pudessem perceber a injustiça a qual estavam vivendo, de forma a querer mudar essa realidade, seja finalizando o relacionamento ou tentando uma conversa franca com o parceiro. Todas as formas de mudança discutidas pela audiência do vídeo mostraram que o conhecimento da causa foi tomado e que a luta contra esse tipo de injustiça deve ser reforçada.

Referências

CASTELLS, Manuel. A política da Internet I: redes de computadores, sociabilidade civil e o Estado. *In: A Galáxia da Internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p.114-138.

FANTONI, A. Não Tira o Batom Vermelho: a Informação na Performance de Jout Jout. *In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7/9/2015.

GARCEZ, Regiane. ; CAL, Danila. Deslizes Morais na Cena Midiática. *In: Revista E-Compós*, v.16, n.2, p. 1-17, 2013.

GOMES, W. Introdução. *In: GOMES, Wilson. A Política na Timeline*. Salvador: Edufba, 2014.

HOLMBOM, Mattias. The *Youtuber*: A Qualitative Study of Popular Content Creators. *Digitala Vetenskapliga Arkivet (Umeå University)*. v.1, n.2, p. 1-41, 2015.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Editora 34, 2003.

HYPENESS. Vídeo poderoso de Clarice Falcão usa batom vermelho para fazer manifesto feminista. *Revista Hypeness (on-line)*. 2015. Disponível em: <http://www.hypeness.com.br/2015/11/video-poderoso-de-clarice-falcao-usa-batom-vermelho-para-fazer-manifesto-feminista/>. Acesso em: 25 de junho de 2016.

KUNZRU, Hari. “**Você é um ciborgue**”: um encontro com Donna Haraway. *In: Antropologia do Ciborgue: As vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, p.17-32, 2000.

LANGE, Patricia. The Vulnerable Video Blogger: Promoting Social Change through Intimacy. *In: S & F online*. v.5, n. 2, s/p, 2007.

LANGE, Patricia. Publicly Private and Privately Public: Social Networking on *Youtube*. *Journal of Computer-Mediated Communication*, v.13, n. 1, p. 361-380, 2008.

MAIA, R. Internet e esfera civil: limites e alcances da participação política. *In: MAIA, R.; GOMES, W; JAMIL, F. Internet e Participação Política no Brasil*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MORAES, Dênis. Comunicação virtual e cidadania: movimentos sociais e políticos na Internet. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. v. 23, n. 2, p. 142- 155, 2000.

RECUERO, Raquel. Webrings: As Redes de Sociabilidade e os Weblogs. *In: Revista Sessões do Imaginário*, v. 11, p. 19- 27, 2004.

_____, Raquel. Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. *In: Revista FAMECOS*. v. 1. n. 38. p.118, 2009.

SILVA, Luísa. O direito de bater na mulher: violência interconjugal na sociedade portuguesa. **Análise Social**. Quarta Série, v. 26. n. 111. p. 385-397, 1991.

TAYLOR, Charles. **El multiculturalismo y “la política del reconocimiento**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1992. Disponível em: <http://www.cholonautas.edu.pe/modulo/upload/taylor.pdf>. Acesso em 17 de Junho de 2016.

WINOCUR, Roselia. La intimidad de los jóvenes en las redes sociales. *In: Revista TELOS*, v. 1, p. 1-9, Abril – Jun, 2012.